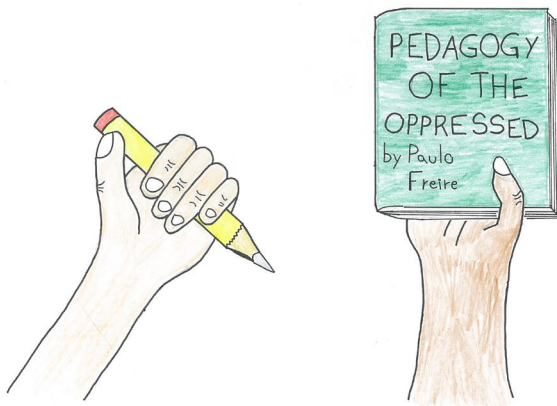


NEVER 
GIVE UP!



THANK YOU
PAULO

Spa

Ciência popular e transformação social: caminhos metodológicos do nosso Instituto de pesquisa

André Cardoso¹, Angélica Tostes², Delana Corazza³, Lauro Carvalho⁴ e Stella Paterniani⁵

-
- 1 Economista, mestre em Economia e Desenvolvimento pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), doutorando em Economia Política Mundial pela Universidade Federal do ABC e coordenador do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social – escritório Brasil.
 - 2 Teóloga, mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, professora e pesquisadora do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, coordenando a pesquisa Evangélicos na Política.
 - 3 Cientista Social, mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, e pesquisadora do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, coordenando a pesquisa Evangélicos na Política.
 - 4 Cientista Social, doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e pesquisador do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, coordenando a pesquisa Participação da Juventude nas Periferias Urbanas.
 - 5 Cientista Social, mestra em Antropologia Social pela Unicamp e doutora em Antropologia Social pela Universidade de Brasília e pesquisadora do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, coordenando a pesquisa Participação da Juventude nas Periferias Urbanas.

Resumo // O objetivo deste artigo é apresentar uma sistematização sobre os avanços metodológicos das pesquisas do Instituto Tricontinental sobre os Evangélicos na Política e a Participação da Juventude nas Periferias, desenvolvido junto a movimentos populares, em especial o Levante Popular da Juventude, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras por Direitos (MTD). Resgatamos os fundamentos que determinam a pesquisa no Instituto e o papel do intelectual nesse processo. Apresentamos então nossas experiências em diálogo com o pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda, dois grandes intelectuais que se debruçaram sobre o estudo e o entendimento da educação e da ciência popular.

Palavras-chave // Pesquisa militante, metodologia, trabalho de base

1. Introdução

Neste artigo, apresentamos uma sistematização sobre os avanços metodológicos das pesquisas do Instituto Tricontinental sobre os Evangélicos na Política e a Participação da Juventude nas Periferias, desenvolvido junto a movimentos populares, em especial o Levante Popular da Juventude, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e o Movimentos dos Trabalhadores e Trabalhadoras por Direitos (MTD). Apresentamos nossas experiências em diálogo com o pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda, dois grandes intelectuais que se debruçaram sobre o estudo e o entendimento da educação e da ciência popular.

Nosso intuito não é de apenas apresentar os resultados e passos de nossas pesquisas, mas convidar a todas e todos a uma leitura crítica dos caminhos que tomamos. Um instituto de pesquisa que tem como objetivo a transformação social não cumpre esse papel apenas por existir; exige a existência de pesquisadores e pesquisadoras de adentrar criticamente ao que é proposto, mais do que mirar a realidade aparente, temos que *ad-mirar*, mirar desde dentro (Freire, 1979).

A tarefa desses pesquisadores e pesquisadoras não se dá no processo de transformação como algo puramente intelectual, escrevendo e analisando a realidade que observa, seu papel se desenvolve num campo mais amplo, na estrutura social, explicado por Freire da seguinte forma:

O que, de fato, caracteriza a estrutura social não é a mudança nem a permanência tomadas em si mesmas, mas a “duração” da contradição entre ambas, em que uma delas pode ser preponderante sobre a outra. Na estrutura social, enquanto dialetização entre a infra e a supra-estrutura, não há permanência da permanência nem mudança da mudança, mas o empenho de sua preservação em contradição com o esforço por sua transformação. (Freire, 1979, p. 38)

Sendo assim, discorrer sobre o papel dos pesquisadores e pesquisadoras, que chamaremos aqui de intelectuais, deve ter como análise a estrutura social e a luta permanente entre sua preservação e esforço por sua transformação, em constante movimento. A opção do intelectual por um desses dois polos determina o seu papel histórico, a forma e conteúdo do Instituto onde se organiza, bem como seus métodos e ações.

O problema é colocado dentro de uma perspectiva histórica. Na esfera da estrutura, especificamente no modo de produção capitalista, encontramos em constante luta duas classes fundamentais, a burguesia, que tem como principal objetivo se apropriar cada vez mais do excedente do trabalho, sendo o lucro sua forma particular histórica, possuindo e controlando os meios de produção, que exerce seu papel de classe dominante. E a classe trabalhadora, possuidora da força de trabalho, única capaz de produzir riqueza, expropriada dos meios de produção, que vende sua força, explorada pela primeira.

Na luta pela manutenção e libertação é mobilizado um conjunto de instrumentos que garantem o funcionamento desse tipo de exploração, seja através da violência pura e simples do Estado, como órgão da classe dominante, seja pela disseminação da concepção de mundo da classe dominante que garante uma coesão na sociedade. Como afirma Marx, “as ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes, ou seja, a classe que é o poder material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder espiritual dominante” (Marx, 2009, p. 67).

Gramsci, ao desenvolver o papel das ideias na superestrutura, divide esse campo em dois grupos: a sociedade política (que agrupa o aparelho do Estado) e a sociedade civil, a maior parte da superestrutura. Este último pode ser considerado em três aspectos complementares, como o campo do domínio da ideologia da classe dominante, como sua concepção do mundo, difundindo em todas as classes seu pensamento, e como direção ideológica da sociedade, que articula as organizações que criam e difundem suas ideias (magistratura, oficiais do exército, a igreja, escolas e universidades e a imprensa), bem como os instrumentos técnicos dessa difusão (sistema escolar, teatro, cinema, televisão, livros, jornais etc.) (Portelli, 1977).

Embora esteja aprofundando sua análise sobre a superestrutura, tanto ela como a estrutura não devem ser vistas em tempos e formas separadas, mas em uma relação dialética entre dois momentos que são igualmente determinantes no desenvolvimento histórico, a forma e o conteúdo em uma unidade. |Como afirma Gramsci, “as forças materiais não seriam concebíveis historicamente sem a forma e as ideologias seriam pequenos caprichos individuais sem as forças materiais” (Portelli, 1977, p. 56).

Ou seja, não só a exploração econômica é insuportável à classe trabalhadora, agudizando as contradições na luta por melhores condições, mas as ideias

burguesas também são asfixiantes, não sendo homogêneas e não tendo a capacidade de manter o *status quo*. A própria homogeneização da classe trabalhadora opera como ficção da burguesia. Em nossas pesquisas temos observado e insistido na pluralidade e heterogeneidade da classe trabalhadora. Como seres históricos, as pessoas se movem no mundo, capazes de optar, de decidir e de valorar, se contrapondo ao que lhes é imposto.

É nesse campo de disputa entre a permanência e a mudança que Paulo Freire afirma que a orientação no mundo só pode ser compreendida na unidade entre a subjetividade e objetividade, nem puramente subjetivista, nem puramente mecanicista, “a realidade concreta nunca é, apenas o dado objetivo, o fato real, mas também a percepção que dela se tenha” (Freire, 1979, p. 51).

É nessa dinâmica complexa da estrutura social, entre sua preservação e transformação, que inserimos o debate sobre os intelectuais e sua escolha nesses dois polos. O intelectual assume um papel importante, sendo o grupo que assegura o vínculo orgânico entre a estrutura e superestrutura, como afirma Gramsci. Cada classe produz seus próprios intelectuais; não sendo esses uma classe por si mesmos, estão enraizados na classe da qual emergem, desenvolvem compromissos com a sua classe de origem ou novos compromissos para diferentes classes. Ou seja, cada classe social possui seus **intelectuais orgânicos**, que dão homogeneidade e consciência de sua própria função (Tricontinental, 2019).

Em cada formação social a classe dominante determina o que é lógico e tido como verdade, não sendo levado em consideração os intelectuais das demais classes. Dessa forma, os intelectuais da classe dominante são vistos como os **intelectuais tradicionais**, os economistas, cientistas e artistas são considerados os “verdadeiros intelectuais”, aqueles que optaram pela permanência do *status quo*.

Uma concepção de mundo que mantém o povo trabalhador preso a uma ideologia da acomodação, que foi introjetado o pensamento dominante e seus valores, a partir de um sistema de educação bancária que impede que este pronuncie o mundo, aprisionados em uma cultura do silêncio, que nega ao povo o direito de pronunciá-lo.

os intelectuais são os encarregados de animar e gerir a “estrutura ideológica” da classe dominante no seio das organizações da sociedade civil (igrejas, sistema escolar, sindicatos, partidos etc.) e de seu material de difusão (*mass media*). Funcionários da sociedade civil, os intelectuais são igualmente os agentes da sociedade política, encarregados da gestão do

aparelho de Estado e da força armada (homens políticos, funcionários, exército etc.). (Portelli, 1977, p.87)

Mas há também os intelectuais orgânicos da classe trabalhadora que produzem conhecimento em contraposição à visão da burguesia, o que Gramsci chama dos **novos intelectuais**. Diferente dos intelectuais tradicionais, os novos intelectuais partem da tese principal de Marx sobre Feuerbach: “os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; porém, o que importa é transformá-lo” (Marx, 2009, p. 126). Apesar da expressão, os novos intelectuais não são novos no sentido do tempo da história ocidental. Conhecer o mundo de maneira contraposta à expansão da lógica da forma-mercadoria é uma prática e uma existência mais antiga, inclusive, do que o próprio capitalismo.

A filosofia da práxis como a concepção de mundo da classe trabalhadora, sendo antagonista à visão burguesa, entende que o critério para a validação teórica é a ação política para a libertação. Esta não se dá dentro da consciência dos homens, isolada do mundo, “senão na práxis dos homens dentro da história que, implicando na relação consciência-mundo, envolve a consciência crítica desta relação” (Freire, 1979, p. 98).

Afirmamos dessa forma, que as lutas dentro das várias instituições culturais e intelectuais são tão importantes quanto as lutas nas ruas, tendo uma unidade entre elas. O que Paulo Freire chama da ação cultural para a libertação, que demanda a transformação revolucionária das bases materiais da sociedade, que expulsem o opressor não apenas enquanto presença física, mas também como sombras introjetadas no povo.

Dois compromissos históricos são postos aos novos intelectuais. O primeiro é a denúncia da sociedade de classes como uma sociedade de exploração de uma classe sobre a outra, o que envolve a constante desumanização de alguns grupos sociais. Essa denúncia exige conhecer a realidade denunciada e os processos de exploração e de desumanização, e exige também o esforço em enunciá-los - como capitalistas, racistas, patriarcais, LGBTfóbicos, etnocidas. A esse reconhecimento, que desvela a intenção homogeneizante do modo burguês de pensar e entender o mundo, e o revela como a expansão da lógica da mercadoria, da reificação e da desumanização de pessoas e povos.

O segundo compromisso posto aos novos intelectuais é o reconhecimento da constante produção e criação de mundos de vida em coexistência com os massacres, os genocídios, as explorações. O compromisso é anunciar e entender

esses mundos e engajá-los em uma contra ofensiva ao conhecimento burguês: em conhecimentos científicos populares de transformação, a partir também da recusa a um futuro pré-fabricado pela miséria do possível presente. “Não há anúncio sem denúncia, assim como toda denúncia gera anúncio. Sem este, a esperança é impossível” (Freire, 1979, p 59).

Por fim, o novo intelectual, no processo de denúncia e anúncio, entende que essa não é uma tarefa solitária, mas coletiva, onde atua com sujeitos ativos e não objetos de sua ação. Não é o “agente da mudança”, pois trata-se de uma tarefa de todos que estão comprometidos com essa transformação, sabe que sua ação não é aceita livremente pela classe dominante que reage, por isso deve estar ligado a classe trabalhadora organizada e consciente. “Ele sabe que todo empenho de transformação radical de uma sociedade implica na organização consciente das massas populares oprimidas e que esta organização demanda a existência de uma vanguarda lúcida” (Freire, 1979, p. 41).

Voltemos ao início do artigo. Os caminhos escolhidos por um instituto de pesquisa está relacionado a opção feita pelos novos intelectuais em transformar revolucionariamente as bases materiais dessa sociedade contra a classe dominante opressora. Ligados e sendo parte das organizações políticas da classe trabalhadora, ao assumir a unidade da denúncia da realidade injusta e o anúncio da realidade a ser criada com a transformação radical dela, desenvolvendo a concepção de mundo da classe trabalhadora. Esse papel e compromisso exige que os métodos e ações colocados em prática sejam opostos aos utilizados pela classe dominante, os caminhos metodológicos percorridos são distintos, visto que “os métodos da opressão não podem, contraditoriamente, servir à libertação do oprimido” (Freire, 2005, p. 7).

2. Metodologias inacabadas revolucionárias

Partimos da práxis, que é reflexão e ação dos homens e mulheres sobre o mundo para transformá-lo. Porém, o vínculo entre ambos se dá em um constante esforço inacabado de compreensão, revisão e superação sem fim, tendo o entendimento da unidade inseparável da forma e do conteúdo, do sujeito e do objeto, da teoria e da prática (Borda, 2012).

Nos somamos ao desafio de construir uma ciência popular, que não se trata de uma visão romantizada dos saberes do povo, mas como uma ciência que

enfrente a ciência social existente das classes dominantes, uma ciência que tem como objetivo final do conhecimento científico armar ideológica e intelectualmente as classes exploradas da sociedade para que assumam conscientemente seu papel como atores da história, uma ciência que seja ao mesmo tempo guia científica e instrumento de luta para as classes oprimidas, como reforça Borda (2012). Sendo a práxis o critério que valida o conhecimento científico.

A tarefa de pensar metodologias e técnicas de pesquisa que dialoguem com experiências do povo a partir da ciência popular não é algo tão simples quanto parece. Carregamos dentro de nós os vícios dos métodos, metodologias e técnicas aprendidas na pesquisa burguesa, que visam uma neutralidade entre o objeto e o pesquisador, não se importando, necessariamente, quanto a libertação social a partir do conhecimento gerado. Assumir a não-neutralidade é um primeiro passo para nos entendermos enquanto pesquisadoras e pesquisadores de um “instituto inquieto”, que visa a “prática revolucionária”.

Fals Borda dizia que o “conhecimento é inacabado” (Borda, 2012, p. 217), assim também pensamos acerca das metodologias das nossas pesquisas. São metodologias inacabadas, vivas, em constante construção a partir do chão da vida. Tecer uma pesquisa com metodologias em movimento se tornou um elemento crucial para a re-existência de uma pesquisa-militante em um contexto tão delicado quanto o da pandemia da Covid-19 aliada ao descaso político. Nosso desafio enquanto pesquisadores, então, é encontrar o ritmo entre a valorização das experiências e saberes populares, diálogo constante com os movimentos populares, sem negligenciar o conhecimento científico, pela práxis revolucionária, engajada politicamente para a transformação.

Coerente com o acima exposto, nossas duas pesquisas partem de desafios observados e sistematizados pelos movimentos populares em sua ação política, que exigem um aprofundamento investigativo de suas determinações e tendências, pois impactam a forma de atuação dos movimentos e seus métodos.

Não são problemas abstratos que necessitam ser comprovados, mas concretos, temas geradores, como nos apresenta Paulo Freire, sendo alcançados pela experiência existencial, mas também pela reflexão crítica sobre as relações dos homens e mulheres com o mundo e na relação entre si.

“Investigar o tema gerador é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis” (Freire, 2005, p. 114).

A pesquisa sobre a Participação de Juventude nas Periferias urbanas parte da demanda dos movimentos populares e do diagnóstico de que um dos novos desafios desses movimentos está no trabalho com a juventude periférica. A pergunta que se faziam e que impulsionou a investigação era saber qual é o método de trabalho exitoso das organizações de juventude nas periferias, isto é, o que é que ganha os corações e as mentes da juventude periférica. Com o desenvolvimento da pesquisa, outra questão se colocou: saber qual o perfil dos jovens que se engajam em grupos com incidência política nas periferias.

A pesquisa sobre os Evangélicos na Política parte da observação feita pelos movimentos populares sobre o avanço do trabalho de base feito, principalmente, nas periferias pelas igrejas evangélicas. Entender as pedagogias e metodologias evangélicas era necessário. Essa questão inicial buscava, portanto, compreender quais demandas objetivas e subjetivas estavam sendo respondidas concretamente pelas igrejas e quais destas demandas haviam escapado dos militantes no trabalho popular.

Ao aprofundarmos a questão a partir do campo teórico e das relações construídas nos territórios, a pesquisa avança para outras reflexões, sem deixar a questão inicial, que permanece como central. Dentre elas, buscamos compreender como o projeto de poder, levado pelo imperialismo estadunidense e a direita cristã na América Latina, ressoa nos territórios periféricos, principalmente no que diz respeito às questões de gênero e sexualidade.

Portanto, para além de olharmos as metodologias do trabalho popular, foi necessário aprofundarmos quais as raízes, propostas e intenções dessa metodologia a partir de visões estratégicas de disputas de poder. Em diálogo com essa reflexão, a pesquisa avança também na necessidade do campo popular ir para além de neutralizar narrativas opressoras e fundamentalistas que se consolidaram em muitas igrejas, fruto desse projeto de poder, mas antes, de se colocarem em disputa ativa de narrativas. Visto que nosso povo é um povo de fé, marcado pelas suas tantas espiritualidades e lutas que o constituem enquanto classe trabalhadora latinoamericana. Compreender a igreja como espaço de respostas às precariedades é fundamental, sendo insuficiente o avanço da pesquisa se não considerarmos a espiritualidade como demanda concreta e histórica de nossa classe.

Apresentado os problemas que motivam nossas pesquisas, detalhamos abaixo cada elemento que entendemos determinante no caminhar delas, que fazem parte dessa construção metodológica.

2.1. Territórios

Para nos forjarmos enquanto pesquisadoras envolvidas na tarefa de absorver a realidade para transformá-la, estar nos territórios era pressuposto inicial de nossa metodologia e um elemento importantíssimo para avançarmos no que temos defendido como ciência popular. As realidades dos territórios, suas contradições, superações e resistências deveriam ser sistematizadas a partir de uma metodologia que previa a leitura com os militantes em luta nos territórios e também dos pesquisadores, em uma inserção contínua na busca das sutilezas reveladoras que muitas vezes o distanciamento encobre.

Rejeitamos que as periferias sejam definidas exclusivamente pela precariedade, pelo que falta, embora reconheçamos que sejam territórios marcados por violências e vulnerabilidades. Por isso, para avançarmos e nos contrapormos às narrativas com as quais somos bombardeados - de que necessitamos salvar os que vivem imersos nessas situações - estar presente se faz necessário.

É ali, no meio de uma conversa, no caminhar de um lugar ao outro, nas relações próximas, amigáveis ou não, nas relações distantes, burocráticas, familiares, profissionais que teríamos o ouro a ser lapitado, que poderíamos, a partir de nosso arcabouço teórico, avançarmos para uma análise mais profunda da realidade. Para Paulo Freire, o processo da construção de um (re)conhecimento da realidade passa por essas tantas percepções, que diz respeito ao saber teórico, ao saber do outro e aos tantos chãos, suas relações e intersecções:

Nenhum tema é apenas o que parece na forma linguística que o expressa. Há sempre algo mais oculto, mais profundo, cuja explicitação se faz indispensável à sua compreensão geral. Desta forma, escrever sobre um tema implica em buscar, tanto quanto possível, romper as aparências enganosas que podem conduzir-nos a uma distorcida visão do mesmo. Isso significa que temos que realizar o esforço difícil de desembaraçá-lo dessa aparências para apanhá-lo como fenômeno dando-se numa realidade concreta. (FREIRE, 1979, p. 96)

Estar nos territórios é uma necessidade não para apenas narrar ou descrever o que víamos ou ouvíamos, mas transformar aquilo que víamos, ouvíamos e sentíamos em uma atitude comprometida. A partir de um compromisso radical com a transformação, buscamos construir a nossa teoria junto aos tantos companheiros

em luta, que compreendemos também como produtores de conhecimento nesse desembaraçar que a realidade nos impõe.

Partimos, portanto, do pressuposto de que as periferias são territórios marcados por resistências e lutas, e que essas trajetórias são dados e conhecimentos a serem sistematizados também. Luta pela terra, pela moradia, por asfalto, saúde, educação. Luta por direitos. Recusamos a redução das periferias à ausência, à urgência, à ignorância, ao limite do possível. É nesse território que estivemos, que estamos e estaremos elaborando teoricamente, de forma coletiva e, assim, construindo ciência.

A partir dessa leitura, tanto a pesquisa sobre a “Participação da Juventude nas Periferias”, quanto a dos Evangélicos na Política estiveram presentes e em ações constantes nos territórios periféricos de algumas cidades do país: São Paulo, Porto Alegre, Fortaleza, Maceió, Campo Grande, Goiânia e Distrito Federal. Nesses territórios, que estivemos inseridos presencialmente ou por meio dos militantes, pudemos assistir a cultos nas igrejas dos bairros, conhecer movimentos de juventude, realizar formações, entrevistas, ouvir, falar, sermos ouvidos.

Antes da pandemia, a pesquisa dos Evangélicos na Política tinha sua metodologia inicial vinculada à atuação junto às Brigadas do Congresso do Povo⁶, começando em São Paulo com a inserção nos bairros onde os militantes atuavam e em algumas igrejas escolhidas destes bairros. A partir de nossos pressupostos iniciais, construímos a perspectiva de uma ação contínua, cotidiana, organizada, em diálogo com o entorno das igrejas, com suas lideranças, além de refletir o que aquele território oferecia para jovens, mulheres, qual a centralidade da igreja naquele local, quais estratégias de diálogo que nossos militantes tinham planejado e quais os avanços e retrocessos da prática militante. Em outros territórios seria realizado um acompanhamento em uma relação direta com os militantes, mas sem a nossa presença cotidiana, faríamos pontualmente e periodicamente formações presenciais e conhecimento dos territórios, a princípio em Maceió, Goiânia e Campo Grande.

O acompanhamento territorial da pesquisa sobre Participação da Juventude nas Periferias já havia iniciado a inserção nos territórios periféricos nos estados de São Paulo (Heliópolis, São Paulo), Rio Grande do Sul (Cruzeiro, Porto Alegre) e

6 militantes de diversos movimentos populares organizados que estabelecem uma dinâmica de estudo da realidade e atuação num determinado território urbano. O objetivo das Brigadas é enfrentar o desafio do trabalho de base e desenvolver a capacidade de organizar a vontade popular na sociedade brasileira, levando em conta o conjunto das crises e suas contradições.

Ceará (Serrinha, Fortaleza), através de um projeto vinculado ao Levante Popular da Juventude e do Movimento de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos. Encontramos desafios frente às relações entre os militantes, instituto e coordenação dos movimentos, e absorvemos o máximo possível das experiências dos territórios em questão. Esse trabalho culminou na produção da cartilha “Participação da juventude em periferias urbanas do Brasil” (Tricontinental, 2019), que buscou trazer um resgate sobre o que estamos falando quando tratamos de juventude e resultados desse primeiro momento, que foi chamado de pesquisa exploratória.

Nesse processo, fomos atropelados pela pandemia e tivemos que repensar o estar no território. Ambas as pesquisas criaram novos vínculos a partir de formações, das ações dos pesquisadores-militantes e de inúmeras entrevistas que detalharemos mais adiante. Não nos furtamos de criar novas formas de permanecer, ainda que com todas as dificuldades e mudanças metodológicas que a realidade nos forçou. Nesse contexto de criar novas formas pudemos estar nos territórios, *sem estar*. Nesses tempos de abraços sem braço, de risos sem som, nos coube reinventarmos nossas presenças, dado fundamental para aquilo que a princípio idealizamos para a realização de nossas tarefas.

A reinvenção de metodologias “pé no chão” foi realizada através das coordenações políticas pedagógicas de cada pesquisa, e levou a diferentes caminhos, embora todos com suas limitações de espaço-tempo. Nos levou também a trabalharmos juntos e juntas no Instituto com o projeto “O que tem na mochila do militante?”, que buscava entender as dimensões psicossociais dos militantes nos territórios nas ações de solidariedade promovida pela campanha Periferia Viva⁷, assim como compreender a solidariedade no seu sentido radical e revolucionário. A metodologia desse projeto se dava através de entrevistas com militantes de diversos Estados, acerca dos territórios em que atuava e das suas percepções, inquietações, medos e esperanças frente à pandemia. O projeto proporcionou uma aproximação com novos territórios, assim como compreender as entrevistas como uma possibilidade de nos aproximarmos da realidade concreta que se distanciava de nós por conta da crise sanitária em curso.

O repensar constante a partir desse fazer é parte da metodologia de um trabalho que quer avançar para além do conhecimento individual, mas se transformar

7 Periferia Viva é uma campanha de solidariedade organizada por diversos movimentos populares do campo e da cidade na doação de alimentos e organização popular para o enfrentamento à pandemia. Para saber mais, acesse: <https://www.brasildefato.com.br/colunistas/periferia-viva>

em prática política e instrumento de transformação. As pesquisas, portanto, são reativas, na medida que encaminham os desafios apontados pelos movimentos, mas também propositivas, na medida em que ao refletir sobre o método das organizações estudadas faz paralelos e apontamentos com os movimentos do campo popular.

2.2. Militante-pesquisador

Justamente por reconhecermos as especificidades de cada região onde a pesquisa irá ocorrer e, sobretudo, por reconhecermos as periferias como produtoras de conhecimento, é que fizemos uma aposta metodológica na figura do militante-pesquisador. Entendemos que “objeto” da pesquisa não pode ser “objeto”, mas “sujeito que atua e interage”, ou como define José Moura Gonçalves Filho:

alguém não é quem dissecamos, mas é com quem conversamos: não encontramos alguém como um alvo de análise, mas como um parceiro na interpretação e na interrogação do mundo (2003, p. 8-9).

Um dos elementos fundamentais das nossas pesquisas é o militante-pesquisador. Além da batalha de ideias, o Instituto Tricontinental também tem como objetivo construir pontes entre a universidade e os movimentos populares, novas experiências de construção de conhecimento científico a partir do povo.

Subverter a ordem é tarefa científica do pesquisador militante; é a partir dessa subversão que criaremos nossos códigos de interpretação da realidade que vivemos para compor, radicalmente, a nossa narrativa. Essa narrativa da realidade latino-americana deve ser construída a partir do olhar do nosso povo, de sua história, sua trajetória e, principalmente, de sua participação na luta contra as opressões vividas historicamente. (CORAZZA; IDE; GANAKA, 2020)

Embora partilhem de um objetivo comum - a investigação e a gestação de teorias de futuro a partir de uma perspectiva da classe trabalhadora e dos movimentos populares -, as pesquisas sobre Participação da Juventude nas periferias

urbanas e sobre Evangélicos na Política chegaram a seus respectivos estágios por movimentos um pouco diferentes.

Na pesquisa sobre a participação da Juventude nas periferias urbanas, no período antes da pandemia, cada território de pesquisa deveria ter uma dupla de militantes-pesquisadores, compostas por um militante-pesquisador do Levante e um do MTD; idealmente, um militante da frente estudantil, que tivesse já alguma familiaridade com pesquisa e a universidade, e um militante da frente territorial, com inserção e conhecimento do território.

O que deveriam fazer os militantes-pesquisadores? Primeiro, um mapeamento dos coletivos, grupos, associações e movimentos que atuam no território e que tem participação da juventude. Depois, deveriam tentar se aproximar desses grupos, sempre se apresentando como pesquisador e apresentando a pesquisa, convidando os interessados a participar das próximas etapas e seguir acompanhando algumas atividades e observando a dinâmica de cada grupo e coletivo. Tomar notas é muito importante, assim como manter uma comunicação constante e consistente com a coordenação. Breves relatos das atividades e dos acompanhamentos deviam ser enviados; primeiro, por e-mails; depois, por áudio através dos aplicativos de mensagens. Por fim, deveriam apoiar a organização de oficinas de mapeamento colaborativo e de grupos focais nos territórios. As oficinas foram inspiradas nas práticas de Cartografia Social (Almeida, 2013) e tiveram como objetivo aproximar a pesquisa e os pesquisadores do território e fornecer subsídios para compreender as principais questões e envolvimento das pessoas no território.

Algumas dificuldades foram encontradas no desenvolvimento da pesquisa: Em São Paulo, nossos militantes-pesquisadores não tinham o conhecimento prévio do território nem a entrada no local que imaginávamos que teriam. No Rio Grande do Sul, nossos militantes-pesquisadores tinham entrada apenas em uma parte muito específica do território do Cruzeiro: a Vila Barracão. No Ceará, nossos militantes-pesquisadores tinham um bom conhecimento do território, mas não tinham trânsito fácil nele, por morarem em territórios dominados por outra facção na guerra entre as organizações do crime em Fortaleza. Além disso, no Ceará, nossos militantes-pesquisadores não dispunham do tempo necessário para se dedicarem à pesquisa. Ao final desse primeiro momento, produzimos um dossiê com um retrato da juventude do país, a partir de nossa pesquisa (Tricontinental, 2020b).

As dificuldades fazem parte do trajeto de uma pesquisa em movimento. Fals Borda, em seu livro “Ciencia, Compromiso y Cambio Social” (2012), nos conta experiências difíceis no processo de implantação do método pesquisa-ação na Colômbia. E não seria diferente por aqui. Entretanto, como já ouvimos do nosso diretor do Instituto, Vijay Prashad, algumas raízes circulam as pedras para florescerem, resistem e encontram maneiras possíveis para se fincar no solo; fortes crescem mesmo entre as pedras.

Em 2020, com o impacto da pandemia de covid-19 no Brasil e o Coronachoque (Tricontinental, 2020a), a pesquisa sobre a juventude ficou suspensa e nos dedicamos a produzir textos de conjuntura sobre a pandemia e seus impactos nas periferias e juventude (Carvalho e Paterniani, 2020a, 2020b).

Em 2021, também inspirados pela experiência das pesquisadoras da pesquisa sobre Evangélicos na Política, a equipe da pesquisa sobre Participação da Juventude retomou a pesquisa original, integrando-a à nova conjuntura da pandemia de covid-19, com o desafio de executá-la durante a pandemia, com nossas alternativas metodológicas limitadas. Sem os militantes-pesquisadores, aposta e acúmulo do projeto piloto de 2019, nossa nova linha metodológica prioriza, agora, também por influência das pesquisadoras da pesquisa com Evangélicos, entrevistas feitas em modo remoto. Assim, nossa nova pergunta orientadora da pesquisa torna-se: Qual o perfil dos jovens que se engajam em grupos com incidência política nas periferias?

Para responder essa pergunta, temos buscado realizar novas entrevistas com Agentes Populares de Saúde e, a partir deles, militantes, voluntários e lideranças comunitárias dos territórios a serem pesquisados. Temos buscado investigar as trajetórias de participação e atuação política dos agentes populares de saúde; classificar os tipos de atuação dos jovens nos coletivos e grupos dos quais participam e/ou participaram; e acumular sobre as principais composições e contradições da categoria de juventude hoje. Além disso, estamos explorando experimentalmente um questionário virtual para testar o alcance de algumas hipóteses de pesquisa.

A pesquisa Evangélicos na Política teve início no segundo semestre de 2019 e logo se viu no contexto da pandemia de covid-19, que no Brasil teve início em março de 2020. A pandemia impactou as expectativas acerca da presença das pesquisadoras nas comunidades e igrejas para descobrir as inclinações da classe trabalhadora a espiritualidade pentecostal e neopentecostal. A “observação participante” se tornou a observação virtual, a partir de acompanhamentos de cultos

online, eventos e formações das igrejas evangélicas fundamentalistas e progressistas. Mas a partir de alguns desses encontros, foi possível criar laços para conversas formais e informais que auxiliaram o avanço da pesquisa.

Assim, a pesquisa, por outro lado, viu na pandemia a possibilidade de se aproximar de militantes-pesquisadores que já estavam nos territórios, engajados em campanhas de solidariedade, atuando e refletindo sobre a realidade e suas contradições. O avanço da pesquisa está ligado diretamente ao envolvimento e compromisso dos militantes-pesquisadores com o objetivo da pesquisa. No período da pandemia, o papel do militante-pesquisador foi crucial, pois foi através deles e delas que colhemos dados do campo popular e de um dos focos da pesquisa: os evangélicos em disputa - aqueles que, inseridos nos territórios, vivem as contradições entre a realidade opressora e os discursos fundamentalistas no interior de suas igrejas. As conversas e narrativas dos militantes foram as formas que encontramos de estar em diálogo com esse público, que por conta da pandemia, perdemos o contato direto.

Destacamos aqui nossa relação com a Brigada do Congresso do Povo do Distrito Federal (DF). A partir de um espaço de socialização das Brigadas que estivemos virtualmente presentes, conhecemos um pouco o trabalho já realizado e conversamos com militantes que atuavam nos territórios do DF. Da aproximação construída, passamos a participar de um coletivo organizado por eles chamado “Espiritualidade e Solidariedade”. Um coletivo formado por militantes populares, pastores, padres e pessoas de fé, a maioria cristã, que estão nos territórios de Ceilândia. Nos reunimos quinzenalmente, alternando relatos de experiências dos religiosos/religiosas nos territórios e formação acerca de diversos temas, como sistematização de experiências, conteúdo básico sobre catolicismo, protestantismo e religiões de matriz africana, religião e eleições e religião e gênero. Um importante fruto dessa relação foi um texto que a militante deste coletivo, Márcia Silva, se desafiou a escrever sobre religião e eleições intitulado “A presença dos homens de Deus nas eleições municipais”, e pudemos publicá-lo e divulgá-lo na página de internet do Instituto Tricontinental e em outros espaços da nossa militância.

A proposta é que ações como essas, que se concretizaram no DF, possam acontecer em outros estados - por conta de aproximações provenientes da coordenação das Brigadas e do Seminário de Trabalho de Base (realizado em outubro-novembro de 2020), buscando a construção de projetos em Alagoas, São Paulo e Mato Grosso do Sul, na perspectiva de avançar para novos olhares com o fim do atual necessário isolamento.

2.3. Histórias, vozes e entrevistas por meios virtuais

Do ponto de vista metodológico, realizar entrevistas para o aprofundamento de nossas pesquisas era necessário para o avanço de nossas reflexões. Em diversos momentos de debates internos e aprofundamento das metodologias das pesquisas, nos deparamos com a necessidade de compreensão dos fenômenos estudados a partir das vozes daqueles que vivem de forma mais aprofundada os cotidianos desses fenômenos, seja enquanto evangélicos ou enquanto jovens que atuam em seus territórios, sejam como militantes na tarefa de organização e educação popular.

As vozes das tantas gentes imersas nos territórios em disputa, em condições “normais”, seriam fruto de nossas aproximações cotidianas, do estar nos territórios presencialmente, de nos reconhecermos nos espaços para além dos nossos papéis “pesquisador – pesquisado”. Nos compreendermos como atores da transformação e o conhecimento como elemento fundamental para essa transformação. Não buscamos somente saber o que a pergunta, mas as entrelinhas, os respiros, os suspiros, os silêncios. Para chegarmos às vozes que queríamos escutar e proporcionar um espaço em que ambos – pesquisador e sujeito – sentissem parte daquele processo de conhecimento da realidade era preciso trilhar um longo caminho de aproximação, possivelmente lento, ao menos, sem pressa, e possíveis laços de confiança.

No processo de escuta, os grupos focais e a construção de um mapeamento colaborativo foram instrumentos importantes da metodologia para a aproximação dessas vozes na pesquisa da Juventude. Essas experiências trouxeram ensinamentos sobre as possíveis formas de entrada nos territórios e também apontaram limites da metodologia experimentada, como os grupos focais com jovens. Transformar espaços de reflexão para a juventude em um lugar de acolhimento em que se sintam de fato à vontade para contribuir é uma tarefa que demanda tempo, erros e acertos. Ainda, as portas de entrada nos territórios estão cheias de símbolos e histórias para as vozes que queremos ouvir; saber quais são as portas é um desafio constante permeado por avanços e retrocessos que só o fazer pode propiciar. As vozes podem ser também traduzidas nos silêncios, nas tentativas frustradas de um diálogo que não se realiza.

Outra possibilidade de escuta foi a proposta de que os militantes trouxessem a partir de seus cotidianos os relatos das experiências nos territórios, o que não aconteceu em nenhuma das pesquisas e cuja ausência fomentou diversas reflexões. Qual o sentido (ou a falta dele) para os militantes desse relato contínuo? Por que dentre tantas tarefas, a relatoria é menosprezada na rotina diária de nossos

militantes, dado que ela é um instrumento de fundamental importância para a reflexão das ações nos territórios? O fato dessa proposta não ter surtido efeito não nos fez desistir dela, mas pensarmos quais os possíveis formatos e tempos para que ela possa se realizar, já que para avançar em um processo de construção científica dos fenômenos que nos atingem, é preciso olhar com profundidade para esses fenômenos, que acontecem em nossos cotidianos e que nos escapam em uma narrativa futura se não forem registrados. Esse é mais um desafio colocado.

A condição do Coronachoque impactou as expectativas acerca da nossa presença nos territórios, como já mencionado. Como proposta de atuação, as entrevistas, que em um primeiro momento deveriam seguir um longo caminho antes de se realizarem, passaram a ser primeiro e importante passo do que era possível “estar no território”, ainda que virtualmente. Foi a partir das experiências de solidariedade onde os militantes reorganizaram suas narrativas, que pudemos criar laços que nos levaram para conversas formais e informais e que auxiliaram o avanço de nossas pesquisas. Com as reorganizações dos territórios durante a pandemia, o encontro entre a comida agroecológica produzida nos assentamentos da reforma agrária e a panela vazia nas periferias urbanas foi a narrativa prioritária em um país onde o medo do vírus caminhou lado a lado com o medo da fome.

As entrevistas foram, e ainda são, a espinha dorsal das pesquisas em um momento em que não foi possível construir relações sólidas e profundas com comunidades de fé e fiéis e a juventude nas periferias. Caminhamos com a sensibilidade de entrar no território sagrado do Outro, respeitando e nos despidendo de conceitos estabelecidos, para conseguir criar um ambiente virtual leve e de confiança, buscando entender o que vale e o que não vale a pena abordar na entrevista, e até mesmo quanto à maneira de falar, para tornar mais hospitaleira a conversa; e tornar nossa imagem mais próxima à de uma companheira, e não simplesmente de uma pesquisadora distante.

Diante de todos os percalços e das mudanças do papel das entrevistas, dado que ela passa a ser nossa porta de entrada e não mais parte do caminho já percorrido, nos concentramos para realizar a escuta atenta das palavras ditas e não ditas:

[...] um exercício de memória em que toda a cena é revivida: uma pausa do informante, uma tremura de voz, uma tonalidade diferente, uma risada, a utilização de determinada palavra em determinado momento, reavivam a recordação do estado de espírito que então detectou em

seu interlocutor, revelam aspectos da entrevista que não haviam sido lembrados quando efetuou o registro do dia no caderno de campo, ou mesmo dão a conhecer detalhes que, no momento da entrevista, lhe escaparam. (QUEIROZ, 1983, p. 82)

Apostamos na proposta de construção de um roteiro prévio de acordo com nossos objetivos iniciais, construído com os movimentos populares. Mas durante as entrevistas, esse roteiro é só a proposta de um caminho, e esse caminho não é linear, é cheio de imprevistos, de sutilezas absorvidas, o caminho escolhido dá uma pausa, vira à esquerda, volta, descansa, dá dois passos para trás e segue, no ritmo da conversa, daquilo que o entrevistador trouxe espontaneamente, sem prevermos. O roteiro, portanto, não nos engessa, é uma proposta inicial que está a todo momento sendo repensada, desde o primeiro bom dia da entrevista.

Esse momento de interlocução entre pesquisador e entrevistado, ainda que mediado por uma tela, tornou-se o ouro a ser lapidado, sistematizado em forma de textos, formações, reflexões e trocas mútuas. Esse processo não tem sido tão simples, não é algo como salpicar frases soltas para comprovar o que queremos dizer; antes, é analisar a partir das informações dos depoentes, respeitando as contradições, pensamentos e vozes. É absorver profundamente aquele momento, compreendendo todas as dificuldades desse novo caminho que nos atropelou. Lembramos aqui o belo conselho de Ecléa Bosi, transmitido por um de seus orientandos, o Prof. Gonçalves Filho (2003):

[...] pôr depoimentos e livros em comunicação é como enxerto de flores. Não é coisa simples e rápida, pede paciência e muito trabalho. Se de flores vermelhas e brancas, desejamos flores mistas, não basta justapor, plantá-las lado a lado. É preciso ligar seiva com seiva, cortando pela raiz, delicadamente, e amarrando bem. Então nascem flores tão bonitas, que a gente não sabe a quem dever mais, se aos vermelhos ou aos brancos. Devemos a todos. (p. 24)

2.4. Coordenação Política Pedagógica das Pesquisas (CPP)

As coordenações Políticas Pedagógicas (CPPs) das pesquisas são espaço de mediação entre o Instituto e as organizações populares. Apesar do profundo vínculo entre as organizações populares e os pesquisadores do Instituto, é através das Coordenações Políticas Pedagógicas que construímos o ponto de partida das investigações, através do diálogo com as questões já maturadas pelas organizações a partir das reflexões decorrentes do trabalho popular. Essa vinculação é importante pois o avanço do saber popular e da ação política está em compreender as formas como os movimentos se nutrem da pesquisa e os mecanismos pelos quais a investigação, por sua vez, é aperfeiçoada e aprofundada pelo contato com a base, pensando que a ação está na base da militância. Nesse sentido, um dos diferenciais das metodologias do instituto é a necessidade de uma coordenação política ativa, que construa junto desde a formulação das questões de pesquisa até os processos e metodologias possíveis para investigação.

A partir da ampliação do entendimento do “intelectual orgânico” (Tricontinental, 2019), entendemos que a importância da coordenação política é trazer também os territórios para dentro da pesquisa, criar estratégias ativas, junto ao Instituto, para que os resultados das pesquisas sejam trabalhados dentro dos movimentos populares. Por isso, é uma via de mão dupla, o Instituto alimenta o movimento e o movimento alimenta o Instituto. E essa relação orgânica é vital para uma pesquisa-militante com o compromisso revolucionário.

Desta forma, a coordenação política e pedagógica é constituída por representações de movimentos populares para balizar a pesquisa e produções com a realidade e o cotidiano de luta. Atualmente, a pesquisa sobre Participação da Juventude nas Periferias conta com a coordenação do Levante Popular da Juventude e Escola Nacional Paulo Freire. Já a pesquisa dos Evangélicos na Política conta com a coordenação composta pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos (MTD), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e recentemente com militantes e pesquisadores do campo religioso, que pertencem a KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço e Instituto de Estudos da Religião.

A composição das CPPs busca expressar o conjunto de formulações sobre os temas presentes nas organizações populares, ou seja, as “questões geradoras de pesquisa” partem de reflexões e práticas dos movimentos populares, que juntos aos

pesquisadores buscam afinar seus os objetivos e métodos. Essa escolha permite ampliar a base a qual parte a investigação. Em contrapartida, traz desafios, pois o tempo dos movimentos para respostas políticas é diferente do tempo da investigação científica, e ambos ainda não construíram experiências longas que ajudem a respeitar e compreender os diferentes ritmos. Tanto a pesquisa da Juventude quanto a dos Evangélicos passou por um esvaziamento dessa coordenação, dada às tantas tarefas atípicas desse longo período pandêmico. Entretanto, coube aos próprios pesquisadores e CPPs fazer os ajustes para ir consolidando esse espaço de mediação.

Ter um instituto de pesquisa a serviço dos movimentos populares é algo novo, e ainda em processo de absorção da militância de aprender a usar esse recurso para a transformação e compreensão social, e também um processo dos pesquisadores/pesquisadoras de produzir materiais de uso para a práxis dos movimentos, com linguagem acessível e sem os vícios da academia, que se distancia do povo.

3. Considerações (nem tanto) finais

O caminhar desse breve artigo é repleto de tropeços, de voltas, alegrias e de intensas buscas por novos modos de fazer pesquisa que visem a ação cultural para a libertação. A nossa sistematização serve como um memorial dessas sendas que percorremos nesse período, interpelados pela pandemia de Covid-19. Algumas questões continuam nos acompanhando cotidianamente diante das múltiplas atividades. Pensar em metodologias revolucionárias e aceitá-las em suas contradições, fragilidades e potencialidades é um exercício desafiador. Embora ainda não tenhamos respostas fixas, buscamos, com a sensibilidade, atuarmos e nos misturarmos junto aos movimentos populares, entendendo as diferenciações dos papéis e nossa função de caminhar juntos.

Nos fincamos nesse caminhar a filosofia da práxis como a concepção de mundo da classe trabalhadora, que entende que o critério para a validação teórica é a ação política para a libertação.

Entretanto, algo nos inquieta ao nos perguntarmos quais são os espaços que nossas pesquisas se colocam, e como elas chegam até a base. As reflexões que seguimos elaborando não tem pernas próprias. Elas não aparecem para os militantes como um pão quentinho com manteiga no café da manhã, quando estão

todos com fome. Tem um aprender a andar até chegar, até se fazerem necessárias, até que sejam o saciar da fome.

Mas como estar juntos, não estando? Como nos reconhecemos como parte de um todo, sendo que a nossa parte ainda segue também se reconhecendo, dado que não se constrói um Instituto de Pesquisa que se propõe a ser um espaço de aprofundamento da ciência popular de um dia para outro, principalmente em uma sociedade onde a ciência é tão elitizada e circunscrita às Universidades ainda tão pouco democráticas.

Nesse caminhar, portanto, as possibilidades de novos espaços, de novas conversas e de novas tarefas que a princípio pareciam ir além do que éramos – pesquisadores – foi de fundamental importância para construirmos uma nova metodologia, que como já dito, é inacabada. Espaços de luta e reflexões conjunturais para pensar “o que fazer” dentro desse projeto comum nos são colocadas cotidianamente e é ali, enquanto companheiros, que a pesquisa pode ser instrumento de reflexão coletiva, dentro de um projeto comum. Não como uma arapuca, onde o militante desprevenido é alçado, mas como parte em todo o processo, como alimento semeado, colhido e socializado. Assumir esses “outros papéis” tem trazido também novas reflexões metodológicas.

A todo momento seguimos nos compreendendo enquanto pesquisadores, com tarefas específicas nesse processo. No entanto, a realidade também se coloca no percurso, as demandas surgem, novas tarefas se colocam no caminho e servem para construirmos dialeticamente suas respostas. Somos pesquisadores na tarefa de refletirmos sobre a realidade e de construirmos novos pesquisadores, que “originalmente” são militantes.

Comprendermos nosso papel em um Instituto de Pesquisa que se nutre de pensadores como Fals Borda e Paulo Freire, que se colocaram na tarefa de transformar radicalmente a sociedade a partir de um projeto socialista, é tarefa contínua para além de “resultados cientificamente comprovados”. Nesse contexto, a realidade segue nos moldando, as vezes como prevíamos, as vezes nos surpreendendo.

Nos tantos espaços não previstos em nossa metodologia inicial, alguns ensinamentos ligaram sinais de alerta para o nosso papel de pesquisadoras-militantes - ainda que a pesquisa e a elaboração teórica e científica do fenômeno sejam nossas principais tarefas: construir uma relação orgânica com os movimentos, mesmo que não “oficialmente”, criou relações de confiança e camaradagem fundamentais para nossa elaboração teórica.

O que queremos dizer com isso? Participar de espaços “extrapesquisa”, “carregar pianos”, sermos educadoras e educandas, organizadoras, a princípio pode parecer algo que foge do nosso propósito enquanto cientistas ou que torna a nossa ciência menor. Não acreditamos nisso. Enquanto cientistas populares, comprometidos com a radicalidade científica e que enxergam a ciência necessariamente como elemento de subversão da realidade, nos colocamos na tarefa de estar em movimento junto aos movimentos. Essa relação dialética entre pesquisadoras e militantes nos tem construído enquanto pesquisadoras-militantes, nós e os militantes, que ora nos confundem, claro, mas que tem gerado enormes avanços para aquilo que nos propomos: compreender cientificamente a realidade para transformá-la a partir do movimento de nossa classe, que, obviamente, também somos nós.



4. Referências bibliográficas

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Nova cartografia social: territorialidades específicas e politização da consciência das fronteiras. Povos e Comunidades Tradicionais.** Manaus: PNCSA/UEA, 2013. p.157-173.

BORDA, Orlando Fals. **Ciencia, compromiso y cambio social.** Buenos Aires: El Colectivo, 2012.

CARVALHO, Lauro; PATERNIANI, Stella. **Entregadores de aplicativo, pandemônio e pandemia.** Instituto Tricontinental de Pesquisa Social. 22 de dezembro de 2020a. Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/entregadores-de-aplicativos-pandemonio-e-pandemia/>, acesso em 22/07/2021

CARVALHO, Lauro ; PATERNIANI, Stella. **Os efeitos sociais da pandemia no trabalho e na renda dos mais pobres.** Instituto Tricontinental de Pesquisa Social. 17 de julho de 2020b. Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/efeitos-sociais-da-pandemia-no-trabalho-e-renda-entre-os-mais-pobres/>, acesso em 22/07/2021.

CORAZZA, Delana; IDE, Maria de Lurdes; GANAKA, Cristiane. **Paulo Freire, a primavera e o tempo de esperança,** 2020. Disponível em <https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/paulo-freire-a-primavera-e-o-tempo-de-esperancar/>. Acesso em 22 de jun de 2021.

FREIRE, P. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos.** 4ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GONÇALVES FILHO, José Moura. **“Problemas de método em psicologia social: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante”** in bock, ana m. maria (org). psicologia e compromisso social. são paulo, cortez editora, 2003, p. 194.

MARX, Karl. **A Ideologia Alemã.** 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

PATERNIANI, Stella; CARVALHO, Lauro. Territorializar e racializar a pandemia. Instituto Tricontinental de Pesquisa Social. 2 de julho de 2020a. Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/periferias-e-pandemia-desigualdades-resistencias-e-solidariedade/>, acesso em 22/07/2021.

PATERNIANI, Stella; CARVALHO, Lauro. **‘Nós por nós’: solidariedade da periferia à periferia durante o CoronaChoque.** Instituto Tricontinental de Pesquisa Social. 11 de agosto de 2020b. Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/nos-por-nos-solidariedade-da-periferia-a-periferia-durante-o-coronachoque/>, acesso em 22/07/2021.

PORTELLI, H. **Gramsci e o bloco histórico.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

QUEIROZ, Maria Isaura de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro de informação viva.** 2. ed., São Paulo: CERU e FFLCH/USP, 1983. Col. Textos, 4.

SILVIA, Márcia. **A presença dos homens de Deus nas eleições municipais.** Instituto Tricontinental de Pesquisa Social. Disponível em <<https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/a-presenca-dos-homens-de-deus-nas-eleicoes-municipais/>> Acesso em 19 de Julho de 2021.

TRICONTINENTAL. **Dossiê 13 - O novo Intelectual.** São Paulo: Expressão Popular, 2019. Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/o-novo-intelectual/>, acesso em 22/07/2021.

TRICONTINENTAL. **Dossiê 28 - CoronaChoque: um vírus e o mundo.** São Paulo: Expressão Popular, 2020a. Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/dossie-28-coronavirus/>, acesso em 22/07/2021.

TRICONTINENTAL. **Dossiê 33 - Um olhar sobre juventude e periferia em tempos de CoronaChoque.** São Paulo: Expressão Popular, 2020b. Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/dossie-33-brasil-juventude/>, acesso em 22/07/2021.